



PROPOSTA PEDAGÓGICA: APENAS UM PONTO DA AVALIAÇÃO QUANTITATIVA PARA QUALITATIVA

José Lins Cavalcanti de Albuquerque Netto - e-mail: jm3rlins@bol.com.br
Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba - CEFETPB
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção - UFPB

Resumo: “–Professor, preciso de um ponto para passar, se não conseguir o senhor me dá?”

Se não todos, mas quase todo docente já deve ter ouvido uma pergunta como esta de algum aluno. Quanta preocupação tem nossos alunos! É lamentável que dentro do processo ensino-aprendizagem as avaliações sejam de natureza quantitativa e grande parte dos nossos colegas repasse este sentimento, nota. Este é um dos problemas deste processo e é muito bom lembrar de que nós, professores, já fomos alunos um dia e com certeza ainda somos, pelo menos aprendizes da vida e nesta concepção, “enquanto aluno”, sabe-se que é muito ruim o conceito de nota, pois a preocupação primeira, e às vezes até única, será a nota.

Uma avaliação quantitativa é muito desgastante para quem é avaliado, pois a expectativa da vitória muitas vezes até atrapalha. Os efeitos psicológicos maltratam, atrapalham, prejudicam enfim. E será que há outro caminho senão por este? É difícil, mas não impossível. Trata-se da avaliação qualitativa. Esta em sua essência proporciona um bom rendimento, constrói um aprendizado de qualidade, daí a própria denominação “avaliação qualitativa”, transforma progressivamente o cidadão quanto ao seu conhecimento explícito e mais ainda quando se tratar de ensino profissionalizante porque estará interagindo com o conhecimento tácito.

Uma avaliação qualitativa encerra uma estrutura pedagógica muito mais real, verdadeira, sintonizada com o mundo, com o dia-a-dia, e por isto é muito bem provável que o trabalho seja muito maior dentro do processo ensino-aprendizagem. Mas como resposta estaremos educando e construindo uma nova sociedade, na expectativa de estar mais preparada intelectualmente, mais capacitada para construir um mundo melhor, e com certeza muito melhor do que fomos e somos inclusive.

E quais ou qual método a ser adotado para que esta visão pedagógica seja concretizada?

Na verdade, este trabalho está sendo desenvolvido numa pesquisa de doutorado, no qual estão sendo elaboradas as bases principais e organizada a estrutura para um estudo de caso no curso profissionalizante de nível médio através do qual se poderá vivenciar e enxergar o que se pretende alcançar. Trata-se de uma proposta pedagógica em que a idéia prática é de transformar as avaliações quantitativas em qualitativas, onde o “ponto” desaparecerá, e a preocupação estará centrada no “saber fazer”. Aí sim, se terá como resposta à intrusão do conhecimento explícito de forma real engrandecendo o conhecimento tácito.

Uma vez alcançado resultado positivo em um curso profissionalizante de nível médio, a pesquisa poderá abrir caminhos para cursos de outros níveis.

E muito provavelmente poderemos passar a ouvir dos nossos alunos: “-Professor, eu não conseguir fazer isto, como é que se faz?”

Palavras-Chave: Ensino, Aprendizado, Nota, Saber Fazer, Qualidade.



1. INTRODUÇÃO

Podemos iniciar o presente artigo com a compreensão de alguns conceitos básicos dentro do contexto ensino-aprendizado.

Ensino. Ação da transmissão do conhecimento a alguém e como fazendo parte do processo ensino-aprendizado, a conclusão se dará no outro, o aprendiz.

Aprendizado. Ação de aprender que é resultado do processo ensino-aprendizado, cuja dependência será quase que unicamente daquele que executa esta ação.

Nota. Valor quantitativo dado a algo ou, especificamente, a alguém pela conquista de uma realização.

Saber. Parte do conhecimento retido no indivíduo, no objetivo deste realizar alguma coisa.

Saber fazer. Resultado final do processo ensino-aprendizado expresso pela ação do aprendiz.

Qualidade. Dote dado a alguém como resultado final de um processo que em sua essência começa com educação e termina com educação.

Baseado nestes conceitos apresentados separadamente será que já teríamos capacidade de enxergar o conjunto, ou seja, o processo ensino-aprendizado no momento atual? E em se tratando de ensino profissionalizante, teríamos uma visão mais além?

Quem é professor atuante sabe muito bem que a realidade parece não ser das melhores e principalmente quando se trata de ensino profissionalizante.

Neste momento é possível que muitos questionem e achem que tudo vai muito bem, mas outros sabem que o mercado atual, globalizado e dinâmico, está cada vez mais exigente, competitivo devido à velocidade de sua própria mutação.

Se olharmos pelo prisma que nos capacita enxergar a mutação do mercado mundial, percebemos que o processo ensino-aprendizado existente está prestes a caducar, que se analisado através da estrutura de causa e efeito perceberemos muitos problemas além do nosso alcance de resolvê-los, enquanto que diante de outros seremos capazes para tal.

E para quem olha pelo outro prisma, enxergando que tudo vai bem, podemos então perguntar:

Como está nosso ensino?

O que queremos para nossos filhos e netos?

Em que nível encontra-se a qualidade do ensino brasileiro em escolas públicas ou particulares?

O que esperamos daqueles que detêm a responsabilidade do ensino?

O que podemos fazer pelo nosso ensino? Podemos fazer algo para melhorá-lo?

Como está a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos?

Os pais conhecem o professor de seu filho?

E como o mercado está absorvendo nossos alunos? Eles estão realmente bem preparados para uma realidade que parece ser virtual dentro das escolas?

Especificamente o ensino profissionalizante atende as expectativas do mercado?

As escolas profissionalizantes estão em sintonia com o mercado?

Por que muitas empresas necessitam capacitar os recém formados para serem seus novos empregados?

Pelo que acabamos de ler parece que no universo pedagógico só há problemas e sem solução. Em verdade, há solução e tudo é possível. Por isto é importante se abrir os olhos para a realidade de paradigmas que parece não quereremos sequer enxergar, muito mais acreditar.



O horizonte do nosso trabalho de pesquisa é no ensino profissionalizante de nível médio através de estudo de caso, e não se trata de apresentar observações e concluir com “uma verdade”, mas, de abrir caminhos para se encontrar propostas metodológicas de gestão do processo ensino-aprendizagem no objetivo de se alcançar melhores resultados deste processo.

Por isso é bom refletir que o “ponto” exigido pelo professor e aluno nos bancos escolares, no mercado de trabalho é trocado pelo “saber fazer” exigido pela competência e habilidade.

É comum o medo estar presente quando se caminha pelos limites dos paradigmas existentes, mas, é nestes limites que se encontram novos paradigmas e se não lutarmos para vencer a inércia do temor, nunca construiremos um mundo melhor.

2. CONHECIMENTO EM BLOCOS E BLOCO DE CONHECIMENTO

Início de período letivo. Alunos estão ansiosos por novas descobertas no conjunto de disciplinas que haverão de trilhar. Cada disciplina um professor, cada qual com sua metodologia de repassar o conhecimento. Muitos destes, dominadores dos conteúdos, enfadados por trilhar os mesmos passos de período a período letivo. Tudo parece ser sempre igual e o que muda, às vezes, são as feições e personalidades dos alunos.

O tempo vai passando, os alunos vão absorvendo os conteúdos de cada disciplina e dentre tantos outros assuntos, um está sempre presente entre os mestres do conhecimento, a questão das notas que aparece, do aluno para o professor, desta forma:

- Professor, preciso de cinco na prova deste último bimestre para passar por média. Se não conseguir e precisar de poucos décimos o senhor me dá?

- Professor, preciso de dez e meio neste último bimestre para passar por média. Por favor, me dê meio ponto na nota do bimestre passado para eu ter chance de passar por média!

- Professor, se eu ficar na prova final e não conseguir atingir a nota que preciso, o senhor me dá os pontos que faltarem para eu não ser reprovado?

- Professor, passe um trabalho para melhorar minha nota neste bimestre!

- Professor, deixe valer para este bimestre somente a maior nota e esqueça o resto!

Assim como estas tantas outras frases semelhantes já se ouviu de aluno e sobre a mesma tecla, a preocupação pela nota.

Mas não é apenas do aluno para o professor que se ouve tais citações. O aluno também escuta do professor e são muitas tais como estas:

- Bem turma! Este bimestre a nota de vocês será dada através da avaliação de um trabalho.

- Como vocês foram bem comportados neste bimestre, vou repetir a nota do bimestre passado e aqueles que acharem que a nota não está boa, farão um trabalho sobre o assunto tratado no capítulo “X”.

- Bem turma, quem entregar o trabalho até o dia marcado, ganhará um ponto na média.

- Atenção! O aluno que entregar o relatório digitado ganhará um ponto a mais na média do bimestre.

- Quem não fizer o trabalho da forma solicitada vai perder dois pontos.

Como podemos perceber o diálogo entre aqueles que detêm o poder do conhecimento e aqueles que o recebem rodeia em torno de um mesmo objetivo, a nota. Mas existe um outro local em que o diálogo parece ser bem semelhante e aparece desta forma:

- Preciso que você coloque a máquina para funcionar antes das 14:00 horas.

- Por favor, instale um sistema de filtragem no setor “F” do processo de usinagem.

- Substitua o motor do misturador pelo que acabou de chegar no almoxarifado e troque o sensor de nível.

- Faça uma peça igual a esta, porém com duas polegadas a mais.



Não é preciso ir muito além com estas citações porque sabemos onde elas são dialogadas: no mercado de trabalho. Ali não existe nota no momento do fazer, de colocar o conhecimento em prática, pois o profissional tem de saber fazer e sua nota será o seu emprego.

Então, podemos observar uma forte distinção entre dois universos que possuem algo em comum, o conhecimento.

Na escola, o conhecimento é repassado em blocos, separados e dificilmente, ou talvez nunca, inter-relacionados, constituindo se assim fosse, a interdisciplinaridade.

No mercado de trabalho, no momento em que o profissional é solicitado, este terá de agregar uma quantidade de dados, informações e conhecimento num único bloco, na disciplina do saber fazer.

3. A NOTA NA ESCOLA E NO MERCADO DE TRABALHO

Segundo Jussara Hoffmann (1993), existem três observações fundamentais com relação à avaliação do processo ensino-aprendizado, as quais são:

* Será que o sistema de avaliação tradicional classificatório assegura um ensino de qualidade?

* Será que a manutenção das provas e notas é garantia do efetivo acompanhamento dos alunos no seu processo de aprendizagem?

* Será que o sucesso na escola tradicional representa o seu desenvolvimento máximo possível?

A primeira indagação refere-se à crença no sistema tradicional de avaliação como responsável por uma escola competente, onde se trata de uma escola exigente, rígida, disciplinadora e detentora do saber.

A segunda indagação mostra que um sistema classificatório é tremendamente vago, pois não aponta as falhas do processo. Não mostra as reais dificuldades dos alunos e dos professores. Não sugere qualquer encaminhamento porque discrimina e seleciona antes de tudo e apenas reforça a manutenção de uma escola para poucos.

A terceira questiona sobre o sucesso alcançado por alguns (notas altas, primeiros lugares), representa, de fato, sua formação no sentido de um indivíduo capaz de descobrir alternativas para enfrentar o mundo atual, descobrir-lhe os enigmas e enfrentá-los corajosamente?

Ainda referente à terceira indagação como mostra Jussara Hoffmann (1993), um grupo de professores de uma escola pública de Nova Petrópolis/RS desenvolveu uma pesquisa estabelecendo um paralelo entre a questão de uma abordagem tradicional e uma nova visão mostrada na tabela 1.

Tabela 1 – Relação entre uma escola com abordagem tradicional e uma nova abordagem.

ABORDAGEM TRADICIONAL	NOVA ABORDAGEM
MEMORIZAÇÃO	APRENDIZAGEM
NOTAS ALTAS	COMPREENSÃO
OBEDIÊNCIA	QUESTIONAMENTO
PASSIVIDADE	PARTICIPAÇÃO

A oposição que se estabelece revela a esperança dos professores numa relação dialógica em sala de aula, de aprendizagem, de compreensão, de questionamento e de participação, oposta à educação recebida como transmissão.

No processo ensino-aprendizado a nota é uma consequência deste processo, porém, com forte predominância por parte do aprendiz. Por conta desta observação percebe-se que o aluno



estuda poucos momentos e quando isto acontece é em momentos muito próximo da realização de uma prova. Desta forma as informações estarão bem fresquinhas em sua mente e o resultado tende a ser bom. Porém, se o professor aplicar de surpresa o mesmo teste uma semana depois à mesma turma, o resultado tende a ser bem diferente porque o aluno não estuda para aprender, mas, decorando apenas para tirar uma nota. O que estava em sua mente uma semana antes era muito superficial e desaparece rápido.

No mercado de trabalho um profissional quando solicitado para realizar uma determinada tarefa, principalmente quando se trata de emergência, não poderá recorrer a livros, professores, bibliotecas, e outras fontes de consulta para realizar o que lhe é imposto naquele instante, pois, terá de estar imbuído das informações e conhecimentos básicos necessários que lhe dê condições de “saber fazer”. Esta será sua “nota”.

4. INTERESSE PELO PONTO E PELO APRENDER

Os conhecimentos básicos quando são bem sedimentados permitem ao profissional resolver os problemas que lhe aparecem no momento do saber fazer.

Assim também deveria ser no processo ensino-aprendizagem.

Isto pode ser verificado nos resultados obtidos na pesquisa de estudo de caso desenvolvida por Albuquerque Netto (1996), objeto de sua dissertação de mestrado, onde se buscava a verificação da qualidade de ensino técnico em curso profissionalizante.

Nesta pesquisa foram aplicados alguns testes surpresa aos alunos de um mesmo curso técnico e de escolas profissionalizantes de três estados distintos. Teve-se o cuidado na elaboração das questões quanto à capacidade do aluno respondê-las, pois não necessitaria de aprofundamento do conhecimento, mas, de se conhecer quanto o mínimo do conhecimento maior, que é a base, estaria sedimentada no aprendiz.

Assim como no campo profissional é necessário o executor ter a base do conhecimento para realizar bem o saber fazer, o aluno também deveria ter um sólido conhecimento das bases.

A medição dos resultados foi quantitativa, referindo-se ao número de acertos e agrupado em três blocos de notas, de 0,0 a 4,9; de 5,0 a 6,9 e de 7,0 a 10,0.

Este resultado de notas foi surpreendente porque se apresentou bastante negativo, mas, não se poderia afirmar que esta ou aquela escola estaria ofertando um curso de má qualidade, pois não foi este o objetivo do trabalho, mas, de levantar que elementos são causas negativas dentro de um processo ensino-aprendizado, refletindo assim na qualidade.

Portanto era preciso analisar outros parâmetros para se ter um diagnóstico que apresentasse provas para com a realidade apresentada.

Nas tabelas 2 a 4 mostra-se o universo de alunos pesquisados e os respectivos resultados, quantitativos e percentuais, dos testes de conhecimentos básicos aplicados, enquadrados nas faixas de notas estabelecidas.

Um fato interessante é que os alunos sejam da escola A, B ou C, não importa, estão passando de uma série para outra, mas sua base de conhecimentos deixa a desejar e isto poderá ter forte influência no desenvolvimento profissional futuro.

Tabela 2 – Resultado da prova de conhecimento básico dos alunos de 2ª série.

FAIXA DE NOTA	Estado “A” (94 alunos)		Estado “B” (22 alunos)		Estado “C” (17 alunos)	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
7,0 a 10,0	04	4,3	02	9,1	00	0,0



5,0 a 6,9	38	40,4	06	27,3	06	35,3
0,0 a 4,9	52	55,3	14	63,6	11	64,7

Tabela 3 – Resultado da prova de conhecimento básico dos alunos de 3ª série.

FAIXA DE NOTA	Estado “A” (92 alunos)		Estado “B” (41 alunos)		Estado “C” (19 alunos)	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
7,0 a 10,0	01	1,1	00	0,0	00	0,0
5,0 a 6,9	06	6,5	01	2,4	00	0,0
0,0 a 4,9	85	92,4	40	97,6	19	100,0

Tabela 4 – Resultado da prova de conhecimento básico dos alunos de 4ª série.

FAIXA DE NOTA	Estado “A” (85 alunos)		Estado “B” (19 alunos)		Estado “C” (17 alunos)	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
7,0 a 10,0	00	0,0	00	0,0	00	0,0
5,0 a 6,9	01	1,2	01	5,3	00	0,0
0,0 a 4,9	84	98,8	18	94,7	17	100,0

Diante de resultados tão negativos foram verificadas as notas correspondentes as disciplinas técnicas do curso dos dois bimestres passados daquele ano letivo. As disciplinas denominadas de “Xn” para cada série, com n variando de 1 a 6, estão mostrado na tabela 5. O percentual de alunos inseridos na faixa de notas que corresponde ao aproveitamento se apresenta nas tabelas de 6 a 11. Baseado no conteúdo programático destas disciplinas é que foram retiradas as questões para elaboração do teste de conhecimento básico da pesquisa.

Tabela 5 – Disciplinas técnicas correspondentes às séries.

2ª Série	3ª Série	4ª Série
disciplina X ₁	disciplina X ₂ disciplina X ₃	disciplina X ₄ disciplina X ₅ disciplina X ₆

Tabela 6 – Aproveitamento de notas da disciplina “X₁” para os alunos de 2ª série.

2ª SÉRIE - DISCIPLINA “X ₁ ”			
FAIXA DE NOTA	1º BIMESTRE	2º BIMESTRE	MÉDIA SEMESTRAL
	%	%	%
7,0 a 10,0	16,9	69,3	29,7
5,0 a 6,9	49,5	25,7	58,4
0,0 a 4,9	33,6	5,0	11,9

Tabela 7 – Aproveitamento de notas da disciplina “X₂” para os alunos de 3ª série.

3ª SÉRIE - DISCIPLINA "X ₂ "			
FAIXA DE NOTA	1º BIMESTRE %	2º BIMESTRE %	MÉDIA SEMESTRAL %
7,0 a 10,0	47,9	42,0	42,0
5,0 a 6,9	33,0	31,4	41,0
0,0 a 4,9	19,1	26,6	17,0

Tabela 8 – Aproveitamento de notas da disciplina "X₃" para os alunos de 3ª série.

3ª SÉRIE - DISCIPLINA "X ₃ "			
FAIXA DE NOTA	1º BIMESTRE %	2º BIMESTRE %	MÉDIA SEMESTRAL %
7,0 a 10,0	95,0	97,5	96,6
5,0 a 6,9	5,0	2,5	3,4
0,0 a 4,9	0,0	0,0	0,0

Tabela 9 – Aproveitamento de notas da disciplina "X₄" para os alunos de 4ª série.

4ª SÉRIE - DISCIPLINA "X ₄ "			
FAIXA DE NOTA	1º BIMESTRE %	2º BIMESTRE %	MÉDIA SEMESTRAL %
7,0 a 10,0	44,4	45,4	43,4
5,0 a 6,9	29,3	30,3	30,3
0,0 a 4,9	26,3	24,3	26,3

Tabela 10 – Aproveitamento de notas da disciplina "X₅" para os alunos de 4ª série.

4ª SÉRIE - DISCIPLINA "X ₅ "			
FAIXA DE NOTA	1º BIMESTRE %	2º BIMESTRE %	MÉDIA SEMESTRAL %
7,0 a 10,0	66,2	50,0	58,1
5,0 a 6,9	29,5	34,6	29,5
0,0 a 4,9	4,3	15,4	12,4

Tabela 11 – Aproveitamento de notas da disciplina "X₆" para os alunos de 4ª série.

4ª SÉRIE - DISCIPLINA "X ₆ "			
FAIXA DE NOTA	1º BIMESTRE %	2º BIMESTRE %	MÉDIA SEMESTRAL %
7,0 a 10,0	62,6	68,2	64,4
5,0 a 6,9	33,6	25,2	27,1
0,0 a 4,9	3,8	6,6	8,5

Observando-se o percentual de alunos em cada agrupamento de notas de algumas das disciplinas técnicas do curso e comparando com os resultados do teste de conhecimento básico da pesquisa, se percebe uma diferença significativa.

Por estas observações percebe-se que a maioria dos nossos alunos só estuda pelo interesse da nota e não para aprender. É um estudo, como se diz no popular, de "decoreba" apenas, e



isto pode ser verificado com a continuação da pesquisa desenvolvida, por ALBUQUERQUE NETTO (1996), no próximo bloco.

5. APRENDIZADO, SOB QUE METODOLOGIA?

Prosseguindo com a pesquisa, já em outra etapa, foi aplicado um vasto questionário aos alunos das três séries em três etapas, do qual foi retirado apenas o que interessava.

Analisando-se parte dos questionamentos, alguns mostram resultados interessantes, ressaltando de que sempre será possível haver uma causa por trás de outra. Porém, a atenção dada aqui foi para os resultados que se apresentaram evidentes em primeiro plano, ou seja, em maior percentual e o que interessava no momento era analisar no que diz respeito ao aprendizado, como mostrado:

1º Questionamento: Quanto ao corpo docente do curso a maioria dos professores deve:

Exigir mais dos alunos; Permanecer como estão; Exigir menos dos alunos.

Estes resultados mostram a opinião do aluno sobre a maioria dos professores no que diz respeito à exigência dos mesmos no processo de ensino-aprendizado. A maioria dos alunos pede para que o professor “exija mais” e os percentuais foram os seguintes para cada série:

* 35,5% dos alunos de 2ª série;

* 55,5% dos alunos de 3ª série;

* 66,6% dos alunos de 4ª série.

2º Questionamento: O professor e aluno são duas metades que unidas se completam de forma perfeita para ser efetivado o ensino-aprendizado. Em sua opinião, o que falta NO ALUNO para esta união ser perfeita?

Praticar mais exercícios; Assistir as aulas com interesse
 Perguntar mais ao professor; Estudar mais.

Esta é uma pergunta bem interessante porque o próprio aluno responde a respeito dele mesmo no que diz respeito à sua prática dentro do processo ensino-aprendizado.

O maior percentual em cada uma das séries foi de que “o aluno deve assistir as aulas com interesse”, seguido de que o aluno “deve estudar mais”, cujos percentuais foram respectivamente, os seguintes:

* 34,3% e 26,5% para os alunos da 2ª série;

* 29,6% e 27,7% para os alunos da 3ª série;

* 30,3% e 28,4% para os alunos da 4ª série.

Numa análise rápida observamos que o desinteresse do aluno em sala de aula é fortemente prejudicial no processo de ensino-aprendizado que junto à prática de não estudar o suficiente tende a um resultado bem negativo.

3º Questionamento: O professor e aluno são duas metades que unidas se completam de forma perfeita para ser efetivado o ensino-aprendizado. Em sua opinião, o que falta NO PROFESSOR para esta união ser perfeita?

Melhorar o nível de conhecimento;
 Ser mais prático e menos teórico;
 Transmitir conhecimento dentro da realidade da vida profissional;
 Fazer bastantes listas de exercícios.

Das respostas existentes na pergunta, duas, das quatro, foram as mais citadas e uma se encaixa na outra, ou seja, uma é que o professor deve “ser mais prático e menos teórico” e a outra é que ele deve “transmitir o conhecimento dentro da realidade da vida profissional”.

No caso de o professor transmitir o conhecimento de forma mais prática seria fazer o aluno conceber a informação com exemplos do mundo real, e, se o professor transmitir o conhecimento para dentro da vida profissional enfocando quando ou de que forma se aplica



este ou aquele conhecimento no mundo de trabalho, estará fazendo o aluno aprender e não decorar.

Os resultados em percentuais foram respectivamente de que o professor deve: “transmitir conhecimento dentro da realidade da vida profissional” seguida de “ser mais prático e menos teórico”.

* 43,7% e 32,1% para os alunos de 2ª série;

* 49,6% e 29,7% para os alunos de 3ª série;

* 50,0% e 25,9% para os alunos de 4ª série;

As respostas dadas pelos alunos a respeito da metodologia de ensinar mostram como nossos professores estão agregados a um ensino acadêmico.

4º Questionamento: Qual o maior obstáculo que dificulta seu aprendizado como aluno?

Falta de interesse do aluno; Didática do professor;

Metodologia de estudar do aluno; Falta de apoio dos pais.

As respostas seguintes confirmam os resultados dos dois últimos questionamentos. Os percentuais para as respostas mais votadas foram para “falta de interesse do aluno” seguido da “didática do professor”.

* 38,3% e 38,3% para alunos de 2ª série;

* 41,9% e 27,4% para os alunos de 3ª série;

* 23,0% e 41,2% para os alunos de 4ª série.

Estes resultados apenas confirmam de como está intimamente ligado o interesse do aluno e didática do professor. Estas duas medidas constituem um peso muito grande dentro do processo ensino-aprendizado.

A falta de uma boa didática do professor produz automaticamente um desinteresse no aluno e aí o processo ensino-aprendizado estará abalado, trazendo um resultado negativo.

5º Questionamento: Normalmente, qual a sua maneira de estudar os conhecimentos recebidos pelo professor.

Estuda no mesmo dia as informações passadas pelo professor;

Estuda no dia seguinte as informações recebidas;

Estuda apenas nos finais de semana;

Começa a estudar apenas quando é marcada uma prova;

Estuda apenas na véspera da prova marcada.

Nesta pergunta tenta-se descobrir qual a metodologia de estudar do aluno, e a resposta mais votada foi de que o aluno “começa a estudar apenas quando é marcada uma prova”, cujos percentuais foram os seguintes:

* 54,4% para os alunos de 2ª série;

* 42,4% para os alunos de 3ª série;

* 41,8% para os alunos de 4ª série.

6º Questionamento: Quantas horas, em média, vocês estudam por dia?

Não tem costume de estudar diariamente;

1 hora; 2 horas; 3 horas; 4 horas; Mais de 4 horas.

A maioria respondeu “Não tem costume de estudar diariamente” e isto até que era esperado pelas respostas dadas no questionamento anterior. Os percentuais foram estes:

* 51,7% para os alunos de 2ª série;

* 63,4% para os alunos de 3ª série;

* 42,3% para os alunos de 4ª série.

7º Questionamento: Quantas horas você estuda para as provas?

O tempo que for necessário;

1 hora; 2 horas; 3 horas; 4 horas; Mais de 4 horas.



A maioria respondeu “O tempo que for necessário” e tal resposta traduz o resultado do 5º questionamento. O aluno estudando apenas quando é marcada a prova, este terá de fazer um esforço muito grande para colocar todo o conteúdo em dia, ou melhor, na cabeça em forma de “decoreba” e não importando o tempo que tiver de fazê-lo. O resultado em percentual foi:

- * 80,6% para os alunos de 2ª série;
- * 80,6% para os alunos de 3ª série;
- * 71,2% para os alunos de 4ª série.

Através destes resultados observa-se que as metodologias de aprendizado aplicadas pelo aluno, as metodologias de ensino aplicadas pelo professor, não acompanham a realidade exigida pelo mercado de trabalho, o saber fazer, e simplesmente caducam sobre nota, no velho e tradicional “ponto” tão solicitado pelo aluno.

6. CONCLUSÃO

Para evoluir dentro do processo ensino-aprendizado é necessário: um trabalho pedagógico entre professores, alunos, professores e alunos, e escola e mercado de trabalho, para que o processo ensino-aprendizado de um curso profissionalizante acompanhe e cresça à medida que a tecnologia avança.

Percebemos pelos resultados de estudos de caso que há falhas no processo ensino-aprendizado por parte dos professores, alunos e da própria conjuntura das instituições, cabendo desta forma ser repensado uma política que elimine pelo menos a maior parte delas.

Como proposta, a metodologia de aprendizado no curso profissionalizante se apresenta através de uma nova denominação, a “interdisciplinaridade do conhecimento”. O processo ensino-aprendizado não seria desenvolvido apenas em sala de aula, mas, também no mercado de trabalho, onde empresas seriam parceiras de escolas profissionalizantes, e cada empresa seria “madrinha” de uma única turma desde o seu início de curso até o término.

Uma turma iniciante no curso já teria visitas técnicas na forma de trabalho na empresa, acompanhada por profissionais da mesma e por todo o corpo de professores desta turma do semestre ou período letivo em vigor. Não importa se os alunos não sabem nada a respeito do universo do trabalho. É exatamente pelo descobrimento de um mundo novo, baseado no que fosse verificado na indústria ou mercado de trabalho para ser mais geral, que as informações básicas que permeiam no campo de trabalho seriam repassadas para o aluno, através de projetos diversos. À medida que o projeto fosse sendo desenvolvido através da interdisciplinaridade, gradativamente as informações ou conhecimentos básicos necessários seriam apresentados e utilizados para tal.

Desta forma, o aluno estaria aprendendo quando e como utilizar determinado dado, informação ou conhecimento para a construção de algo.

Os professores, por sua vez, não estariam repassando o conhecimento em blocos isolados, mas, todos em conjunto, inclusive com os profissionais do mercado de trabalho, pela interdisciplinaridade, pois teriam de interagir de forma que os objetivos determinados se constituíssem em um bloco de conhecimentos.

A mesma turma nos semestres seguintes, e até terminar o curso, continuaria a ser trabalhada sempre na mesma empresa, daí a denominação de “empresa madrinha”, ou poderia mudar, dependendo da metodologia de trabalho ou política adotada entre escola e empresa.

O avanço do conhecimento para os alunos seria constantemente trabalhado dentro da empresa e na sala de aula, através de projetos e/ou outros tipos de atividades, onde habilidade e competência de cada aprendiz seria desenvolvida na prática real do mercado de trabalho.



O trabalho pedagógico através da interdisciplinaridade, não apenas de disciplinas, mas, de mercado de trabalho, por isso denomino “interdisciplinaridade do conhecimento”, é uma realidade da qual não se poderá fugir, ao contrário, estaremos sempre aquém das expectativas.

Um trabalho desta natureza e com esta conjuntura trará benefícios a todos, seja para a empresa que terá alunos recém formados com visão e capacitação profissional atualizada, para os professores que estarão adquirindo mais experiência em contato com as tecnologias de ponta, para os alunos que estarão aprimorando a competência e habilidade através do saber fazer, o que os deixará mais capacitados profissionalmente e concorridos no mercado, e para a escola que estará com seu marketing bem atualizado.

Podemos concluir dizendo que embora pareça impossível para muitos, de fato não é. É preciso coragem e determinação de mudar para melhor e que só a unidade de um grupo é que fará a mudança do mundo.

Com toda certeza a auto-estima dos alunos estará bem elevada e os levará a usar expressões como: “- Professor, preciso saber... para poder fazer...”

E nunca mais: “-Professor preciso de um ponto para passar!”

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE NETTO, José Lins Cavalcanti de. **Verificação da Qualidade do Ensino Técnico do Curso de Eletrotécnica da Escola Técnica Federal da Paraíba: Estudo de Caso**. 1996. Dissertação (Mestrado do Curso Engenharia de Produção) – Universidade Federal da Paraíba.

HOFFAMAN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação e Realidade. 1994.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio - uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Educação e Realidade. 1991.

KIRILLOS, Sérgio Luiz. **O Ensino Profissionalizante na Área de Mecânica – Novas Práticas Face às Mudanças no Mercado de Trabalho: a ótica de professores, alunos, e profissionais de R. H. 1998**. Dissertação (Mestrado da Universidade Bandeirante de São Paulo – Uniban).

BASTOS, C. L. K. V. **Aprendendo a Aprender. Introdução à Metodologia Científica**. 2. São Paulo: Vozes. 1991.

BECKER, F. **A Ação à Operação: o caminho da aprendizagem**. J. Piaget e P. Freire. Porto Alegre: Educação e Realidade. 1993.

BOTELHO, D. **Organizações de Aprendizagem**. 1997. Dissertação (Mestrado da FGV - São Paulo).

DAVEMPORT, Thomas H; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento Empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual**; tradução de Lenke Peres. Rio de Janeiro: Campus. 1998.

DEMING, W. E. **Qualidade: a revolução da administração; tradução de Clave Comunicações e Recursos Humanos** SC. Ltda. Rio de Janeiro: Marques-Saraiva. 1990.

FLEURY, M.T.L., OLIVEIRA Jr, MOACIR de Miranda. **Gestão Estratégica do Conhecimento: integrando aprendizagem, conhecimento e competências**. São Paulo: Atlas. 2001.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação do Conhecimento na Empresa**; tradução de Ana Beatriz Rodrigues, Priscila Martins Celeste. Rio de Janeiro: Campus. 1997.

SENGE, Peter M. **A Quinta Disciplina**. São Paulo: Editora Best Seller. 1998.

RAMOS, C. **Pedagogia da Qualidade Total**. Rio de Janeiro: Qualitymark. 1994.

RAMOS, C. **Sala de Aula de Qualidade Total**. Rio de Janeiro: Qualitymark. 1995.



SAVIANI, D. **O Trabalho como Princípio Educativo Frente às Novas Tecnologias.** In: Novas tecnologias, trabalho e educação. Um debate multidisciplinar. 3. Petrópolis: Vozes. 1996.

SUGO, A. I. **Cognição Institucional nas Organizações: estudo exploratório da mudança organizacional através de aprendizagem nas organizações.** 1996. Tese (Doutorado - EAESP/FGV - São Paulo).

TERRA, José Cláudio Cyreneu. **Gestão do Conhecimento: o grande desafio empresarial: uma abordagem baseada no aprendizado e na criatividade.** São Paulo: Negócio Editora. 2000.

WEIL, Pierre. **Rumo à Nova Transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento /** Pierre Weil, Ubiratan D'Ambrosio, Roberto Crema. São Paulo: Summus, 1994.

Pedagogical Proposal: Just one point from Quantitative Evaluation to Qualitative one.

Abstract: “Teacher, I need one point to pass, if I do not get it would you give me?”

If not all, but almost all teachers must have already heard a question like that from any student. How worried our students are! It is lamentable that inside the teaching-learning process the ways of evaluations are quantitative and a great part of our colleagues repress this feeling, mark. It is good to remember that us, teachers, have been students some day and probably we are yet, at least learners of the life in this conception, “as students”, it is known that the idea of marks is not good, because the first, and sometimes the only concern, will be the mark.

A quantitative evaluation is quite tiring for those who are been tested, as the success expectancy several times frustrates. Then the psychological effects damage, confuse, hurt. But is there any other way except this one? It is difficult, but not impossible. It deals with the qualitative evaluation. On its essence the qualitative evaluation brings quality to the learning process and that's why it is called “qualitative evaluation”, it progressively transforms the person as to his explicit knowledge and more over when it deals with the professionalization teaching because it will be interacting with the tacit knowledge.

A qualitative evaluation shows a pedagogical framing which is much more real, truthful, related to the world outside school although there will be harder work in the teaching learning process. But as result, we will be educating and building a new society, well prepared intellectually, more capable to build a better world, and certainly much better than we were and than we are.

And which method must we adapt to have this pedagogical view achieved?

In fact, this work is being developed in a doctorate survey, in which the main bases are being elaborated to develop a case study at the professionalization course of secondary level. With this study it will be possible to see what is intended to reach. As pedagogical proposal, the idea is to change the quantitative evaluations into qualitative ones, where the “marks” would disappear, and the concern will be centralized on “know-how”. After that, there will be the presence of the explicit knowledge increasing the tacit knowledge.

Once positive results in a professionalization course of secondary level are achieved, the survey can make things easier at other levels.

And we will probably be able hear our students saying: “- Teacher, I could not do it, how can I do it?”



Key-words: Teaching, Learning, Note, Know-how, Quality.